

## LES MOTS SOUS LES MOTS E O POTENCIAL CRIATIVO DA LINGUAGEM

LES MOTS SOUS LES MOTS AND THE CREATIVE POTENTIAL OF LANGUAGE

Mélany Dias da Silveira<sup>1</sup>

**RESUMO:** O texto deste trabalho é fruto de muitas inquietações e diálogos entre fronteiras. A questão que de fato impulsionou o presente texto foi interrogar a pesquisa sobre os anagramas como estudo que promove um encontro entre linguística e poesia, ou seja, de que forma as investigações de Saussure sobre o processo anagramático podem aproximar os estudos linguísticos e a arte literária? Na primeira parte do presente texto, sinalizo a diversidade dos interesses aos quais Saussure se dedicou em sua trajetória acadêmica. Dentre as diversas ocupações do linguista, estiveram suas investigações sobre o processo anagramático nos poemas da antiguidade clássica – estudo que ocupou mais de uma centena de cadernos manuscritos, dos quais uma parte foi publicada por Starobinski (1974) em *As palavras sob as palavras*. É com base na publicação de Starobinski que apresento a pesquisa de Saussure sobre os anagramas a partir de duas principais interrogações: “que leis regem tais operações?”; “os mecanismos são puramente fortuitos? Ou aplicados e desejados de maneira consciente?”. Na segunda parte, invisto em uma aproximação entre a análise de Saussure sobre o poema *De rerum natura* e os conceitos de linearidade, relações sintagmáticas e associativas, arbitrário do signo linguístico e valor. Por fim, proponho uma aproximação entre as descobertas de Saussure e as reflexões de Roman Jakobson, o poeta da linguística.

**Palavras-chave:** Ferdinand de Saussure; anagramas; poesia.

**ABSTRACT:** This article is the result of the dialogue between borders. The question that actually drove the present text was to question the research on anagrams as a study that promotes an encounter between linguistics and poetry, that is, how Saussure's investigations on the anagrammatic process can bring linguistic studies and literature closer together? In the first section, I point out the diversity of interests to which Saussure dedicated himself during his academic career: his investigations into the anagrammatic process in the poems of classical antiquity were among the several occupations of the linguist. Such a study has fulfilled more than a hundred manuscript notebooks, a part of which was published by Starobinski (1974) in *Les mots sous les mots*. Based on two main questions, this article presents Saussure's research on anagrams: “what laws govern such operation?”; “are the anagrammatic mechanisms purely fortuitous, or are they consciously desired and applied?”. For the second section, I approach Saussure's analysis of the poem *De rerum natura* to the concepts of linearity, syntagmatic and

---

<sup>1</sup> Mestre em Estudos da Linguagem pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Integrante do grupo de pesquisa O rastro do som em Saussure: sob efeito da escuta, sob orientação da Profa. Dra. Luiza Milano. Faz parte também do grupo de estudos Linguística, literatura e arte.

associative relations, the arbitrary of the linguistic signs, and their value. Finally, I connect Saussure's findings to some considerations of Roman Jakobson, the poet of linguistics.

**Keywords:** Ferdinand de Saussure; anagrams; poetry.

*“[...] absolutamente incompreensível se eu não fosse obrigado a confessar-lhe que tenho um horror doentio pela pena, e que esta redação me causa um suplício inimaginável, completamente desproporcional à importância do trabalho.”*

*“Para mim, quando se trata de linguística, isto é acrescido pelo fato de que toda teoria clara, quanto mais clara for, mais inexprimível em linguística ela se torna, porque acredito que não exista um só termo nesta ciência que seja fundado sobre uma ideia clara e que assim, entre o começo e o fim de uma frase, somos cinco ou seis vezes tentados a refazê-la”<sup>2</sup>.*

(Ferdinand de Saussure)

## Introdução

Talvez seja preciso começar dizendo que transitar por entre áreas que mobilizam o funcionamento da língua pode configurar um convite para encarar a linguagem voltada sobre si mesma e suas possibilidades de expressão. É nesse movimento de trânsito que me situo na escrita deste texto. Em verdade, o ponto de partida para os deslocamentos que arrisco está em fazer parte do projeto de pesquisa “O rastro do som em Saussure”, constituído por um grupo que ampara e provoca movimentos. É a partir deste lugar que os estudos de Saussure sobre os anagramas foram um convite determinante para transitar entre os domínios da linguística e da poesia. Isto pelo fato do que encontrei reunido na publicação de Jean Starobinski: Saussure, o pesquisador em ciência da linguagem, reconhecido por fundar as bases da linguística moderna, e seu interesse por poemas:

O “discurso” poético não será, pois, senão a segunda maneira de ser de um nome: uma variação desenvolvida que deixaria perceber, por um leitor perspicaz, a presença evidente, mas dispersa, dos fonemas condutores. (STAROBINSKI, 1974, p. 25)

Para evitar o risco de presumir que a pesquisa de Ferdinand de Saussure sobre os anagramas trata tão somente de uma reconfiguração na maneira de ser de um nome, reproduzo ainda outro trecho presente na publicação de *As palavras sob as palavras*: “desenvolvido em toda a sua amplitude, o anagrama torna-se um discurso sob o discurso” (STAROBINSKI, 1974, p. 55). Ou seja, as palavras dispersas nos anagramas mantêm relações apesar de tudo, inaugurando dimensões de sentidos simultâneos. Essa perspectiva, muito provavelmente, corrobora com o que talvez seja uma das grandes contribuições da pesquisa dos anagramas: considerar o caráter

<sup>2</sup> Texto interrompido, Ms. fr. 3957/2: Rascunhos de cartas de Ferdinand de Saussure.

subversivo do sistema da língua, aquilo que o extrapola.

Isso posto, convém manifestar um fato bastante importante do percurso acadêmico de Saussure, que Arrivé refere como uma tirada espirituosa: é “que ele não publicou o que escreveu e não escreveu o que foi publicado sob seu nome” (ARRIVÉ, 2010, p. 20). O estudioso acrescenta:

As imperfeições que podemos encontrar nos textos publicados, por outros, depois de sua morte, o estatuto de inéditos, às vezes desconhecidos, que outros textos conservaram durante muito tempo – e que alguns deles conservam até hoje – geram necessariamente leituras de tipo filológico e literal, geralmente reservadas aos textos literários. (ibid, p. 21)

Não só o exame da obra saussuriana guarda essa semelhança com a esfera literária, mas a própria escrita de Saussure: “assim como os objetos específicos – eles mesmos frequentemente literários – que se apresentam em sua reflexão, acentuam o parentesco com o texto literário” (ibid, p. 21). Sobre os desafios teóricos e metodológicos que se colocam ao estudo dos textos de Saussure, cito Schneider:

além de ser o nome abreviado de um sujeito histórico, Ferdinand de Saussure é o nome que figura como sendo o autor de um conjunto de textos bastante metamórfico. A apresentação grosseira do quebra cabeça que se monta entre texto, autoria e publicação deixa claro que a leitura de Saussure não é uma tarefa simples. (SCHNEIDER, 2016, pp. 36-37)

Com relação aos manuscritos sobre os anagramas, a dificuldade em ler Saussure não é diferente. Revelados tardiamente, foi apenas em 1971 que Jean Starobinski reuniu em um volume o conjunto de publicações que tinham sido divulgadas pouco antes. Importante crítico literário, historiador e ensaísta, Starobinski realizou um minucioso estudo dos textos de Ferdinand de Saussure sobre os anagramas (cf. MOSCATELI, 2013). *Les mots sous les mots: les anagrammes de Ferdinand de Saussure* foi publicado originalmente em francês e traduzido para o português em 1974. De acordo com Testenoire, em seu artigo “Saussure e a poética comparada”, “a publicação dos primeiros extratos dos cadernos de anagramas revelou, ao longo dos anos 60, um novo aspecto do trabalho de Ferdinand de Saussure: sua abordagem científica do texto poético”. (TESTENOIRE, 2015, p. 275)

O que considero como uma possibilidade de encontro entre a linguística e a poesia nos anagramas de Ferdinand de Saussure é efeito específico do que está reunido nos textos publicados por Jean Starobinski (1974): a linguística desde o ponto de vista daquele que não a fundou, mas lançou a disciplina até um outro degrau, e seu interesse por poemas. Gérard Dessons, em ocasião de ministrar o curso “*Linguistique et poétique*”, em novembro de 2019 na Universidade Federal de Pelotas, sugeriu o seguinte: “Saussure foi o primeiro que gostaria de ter sido poeta”.

Talvez essa indicação tenha algo a nos dizer.

Desse comprometimento de Saussure em articular pressupostos que interrogaram a língua pelo ponto de vista da poesia, me ocorrem as considerações de Barthes proferidas em sua aula inaugural da cadeira de Semiologia Literária: logo no início de sua exposição, ele revela o

caráter fascista da língua, posto que ela nos obriga a dizer; mas, em seguida, sugere na literatura um modo de trapaceá-la, indicando que é no interior da língua que a língua deve ser combatida, desviada (BARTHES, 1980). Essa maneira de trapacear parece, em alguma medida, semelhante às descobertas que Saussure revelou ao longo de seus manuscritos sobre os poemas. Desse movimento entre o linguístico e o literário, me parece imprescindível colocar os estudos da literatura em lugar de relevância na linguística, como maneira de pensar a natureza do sistema linguístico enquanto um mecanismo que contém as regras de sua própria subversão.

Isto que a mim parece imprescindível não é novidade. Outros estudiosos também sugeriram tal aproximação. Nos dias de hoje, ainda outros seguem investindo na proximidade das disciplinas. Mas, então, quando o afastamento entre linguística e literatura fez sentido? No texto “Linguagem e interdisciplinaridade”, depois de confirmar que nas Letras o campo dos estudos da linguagem está tradicionalmente dividido entre os estudos da língua e as investigações sobre literatura, José Luiz Fiorin (2008) faz uma síntese histórica das formas de se fazer ciência. Se até meados do século XVII predominou o fazer científico regido pelo princípio da mistura dos conhecimentos, a partir do século XVIII houve um movimento de especialização nas atividades científicas: “esse movimento de triagem chegou a seu apogeu no século XIX e atingiu dimensões alarmantes no século XX, com especializações cada vez mais restritas, mais particulares” (FIORIN, 2008, p. 33). Desse processo, repercutiu a nítida separação dos estudos linguísticos e literários no domínio da linguagem. Felizmente, no avançar do texto, Fiorin reconhece que, atualmente, estamos novamente em momento de mudança: “estamos passando de um fazer científico regido pela triagem para um fazer investigativo governado pela mistura” (ibid., p. 36). É esse processo que ampara o trânsito entre as fronteiras, afinal, “quando as fronteiras das disciplinas se tornam móveis e fluidas num permeável processo de fusão, temos a transdisciplinaridade. É transdisciplinar uma poética da ciência”. (ibid., p. 38)

Assim como fez Fiorin, recorro também a Roman Jakobson, que talvez tenha sido quem melhor formulou a questão, oferecendo uma sugestão categórica quanto ao risco de não estarmos atentos aos diálogos que o estudo da linguagem demanda:

Se existem alguns críticos que ainda duvidam da competência da Linguística para abarcar o campo da Poética, tenho para mim que a incompetência poética de alguns linguistas intolerantes tenha sido tomada por uma incapacidade da própria ciência linguística. Todos nós que aqui estamos, todavia, compreendemos definitivamente que um linguista surdo à função poética da linguagem e um especialista de literatura indiferente aos problemas linguísticos e ignorante dos métodos linguísticos são, um e outro, flagrantes anacronismos. (JAKOBSON, 2010, p. 162)

Entre linguística, teorias da literatura, poesia, neurologia e outros entremeios que couberam no percurso do estudioso russo, o fio condutor parece que diz respeito ao que tangencia o funcionamento da língua. Daí procede que tenha posto em evidência os recursos através dos quais a linguagem se manifesta. Diante disso, o desafio talvez se dê em sustentar o provocante desassossego desse movimento entre o linguístico e o literário. Nesse sentido, a pesquisa de Saussure sobre textos de poetas gregos e latinos provoca um encontro.

Da maneira como interpreto os estudos de Ferdinand de Saussure no terreno da criação poética, suas incursões representam um importante movimento no sentido de alinhar questões linguísticas e aspectos da composição poética. É desde então, que tenho ousado dizer que transitar por entre áreas que mobilizam o funcionamento da língua é, senão, um convite para

encarar a linguagem voltada sobre si mesma. Esse texto é fruto, portanto, de diálogos entre fronteiras, possíveis, inicialmente, por razões que decorrem do próprio domínio da linguística saussuriana, posta em movimento a partir de uma perspectiva que compreende a diversidade dos ensinamentos do linguista genebrino.

Na tentativa de demonstrar o que interpreto como uma incursão dos estudos de Saussure no terreno da poesia, a primeira parte deste texto - que está dividido em três partes, apresenta um sucinto relato da vida pessoal e acadêmica de Saussure, como forma de marcar seus diversos interesses, dentre eles, a pesquisa sobre os anagramas, que apresento a partir do contexto das descobertas; dos interrogantes que o conduziram; e dos conceitos por ele mobilizados. A segunda parte conta com uma das análises de Saussure e cinco noções de sua teoria linguística com a intenção de considerar alguns conceitos como elementos que parecem interessar ao fazer da poesia, sem descuidar a maneira como a poesia tensiona e interroga a língua. A terceira parte aborda questões pertinentes à linguagem desde uma perspectiva que muito se aproxima das considerações de Roman Jakobson: das diferenças entre as abordagens da fonética e da fonologia ao conceito de fonema na construção teórica de Saussure; e da fonologia aplicada à poética até a função poética da linguagem na construção teórica de Jakobson.

## 1 Ferdinand de Saussure, uma trajetória conduzida por interesses plurais

Aos interesses plurais da carreira de Saussure (dedicação ao estudo de diversas línguas; habilidade em história em quadrinhos; curiosidade pelas lendas; ensino de múltiplos conteúdos; análise de caso de glossolalia; etc) se acrescenta, desde então, a investigação sobre criação poética. Do breve relato que fiz da trajetória de Ferdinand de Saussure, uma trajetória conduzida por interesses plurais, coloco em destaque nessa ocasião o fato de que, se estamos acostumados a reconhecer Saussure como o fundador da linguística moderna, talvez seja conveniente estarmos dispostos também a ver o linguista por entre uma perspectiva ainda pouco acolhida. Foi em Arrivé que eu encontrei as seguintes palavras: “Saussure não fundou a linguística, que já possuía um longo passado científico quando ele nasceu. Mas sua obra está na origem de uma mutação considerável na evolução da disciplina” (ARRIVÉ, 2010, p. 20). É desde essa maneira de apresentar o linguista que quero, aos poucos, poder admitir o legado saussuriano por um viés pouco explorado nos estudos em ciência da linguagem. Saussure não fundou a linguística, mas está na origem de uma transformação na evolução da disciplina.

Ao situar assim o linguista, é importante fazer notar os diferentes trabalhos com os quais Saussure se ocupou. No mesmo período em que ministrava os cursos de linguística geral na Universidade de Genebra, o linguista dedicou-se também ao estudo dos anagramas e das lendas. Então, entre os anos de 1907 a 1909 teve um ponto de total sobreposição entre as três pesquisas. Há ainda quem interprete esse registro pelo gasto viés da dicotomia, projetando duas faces da obra saussuriana. Mas há também aqueles que avistam um vínculo entre esses interesses. Eu não pretendo eleger um posicionamento em detrimento do outro, mas me aproximo particularmente das palavras de Bally e Sechehaye, organizadores do *Curso de linguística geral*: “Ferdinand de Saussure era um desses homens que se renovam sem cessar, seu pensamento evoluía em todas as direções, sem com isso entrar em contradição consigo próprio” (SAUSSURE, 1971, p. 2). É a partir daí que penso na imagem de um linguista atento à pluralidade de assuntos que o rodeava.

Dentre esses assuntos, a pesquisa sobre os anagramas, essa “loucura operatória” da qual

passo a me ocupar. Faço aqui o registro de que essa provocante expressão, “loucura operatória”, foi utilizada por Dessons ao falar sobre a pesquisa dos anagramas durante um curso ministrado no ano de 2019 na Universidade Federal de Pelotas.

### 1.1 A pesquisa sobre os anagramas, “uma loucura operatória”

É preciso talvez começar dizendo que, na pesquisa de Saussure, o termo “anagrama” mesmo é impreciso. Isto porque o processo anagramático de fato consiste na reorganização das letras do nome, um processo de dissolução do nome escrito a partir de suas próprias letras, sem adição ou substituição de elementos (cf. WILLIAM CAMDEN apud HELLER-ROAZEN, 2013, p. 113). A imitação fônica que Saussure acreditou ter descoberto na poesia antiga indo-europeia era de natureza diferente. As leis eram mais numerosas, os elementos mais complexos e a realidade menos precisa. Entre 1906 e 1909 as formulações teóricas de Saussure passaram por muitas mudanças – terminológicas inclusive: “paramorfe”, “logograma”, “paragrama”, “homograma”, “antigrama”, “criptograma”, entre outras flutuações de nomenclatura, uma vez que “anagrama” não lhe pareceu o melhor termo. Só um anagrama conscientemente desejado poderia conter um anagrama real. Ainda assim, é a partir desse termo que tomamos conhecimento de sua pesquisa. Starobinski, em um artigo de 1995, “*Complement to a Reading of Ferdinand de Saussure’s Anagram Notebooks*”, reconheceu as lacunas da publicação de *As palavras sob as palavras* e indicou que seria um erro excluir da poesia a possibilidade do jogo fônico baseado nos nomes (cf. HELLER-ROAZEN, 2013, p. 128). O autor admitiu também a possibilidade de reinterpretar as descobertas de Saussure como um estudo que tratou de um procedimento real.

Em uma pesquisa que talvez tenha tido início ao final do ano de 1905, após uma viagem a Roma, visitando o antigo fórum romano, Saussure interessou-se pelas inscrições latinas presentes nas ruínas do fórum. Foi desse encontro de Saussure com as escritas enigmáticas que surgiu no linguista um forte interesse em conferir o mistério. Em um de seus primeiros cadernos, Saussure descreveu o processo que reconstituía o nome de um importante político romano da família dos Cipiões que teria vivido no século II a.C. Em um desses cadernos, intitulado “*Premier cahier à lire préliminairement*” (cf. STAROBINSKI, 1974, p. 21), o genebrino descreveu o fenômeno da seguinte maneira:

indicação sumária desses tipos, uma vez que não posso de modo algum esperar expor aqui minha teoria do Saturnino, cito: *Taurasia Cisauna Samnio cepit*. Este é um verso anagramático que contém completamente o nome de *Scipio* (nas sílabas ci + pi + io, além disso em S de *Samnio cepit* que é inicial de um grupo onde quase toda palavra *Scipio* aparece). (SAUSSURE apud STAROBINSKI, 1974, p. 22)

Nessa descrição do processo anagramático, Saussure demonstrou os primeiros detalhes de uma investigação guiada pelos fonemas principais do nome próprio. Em verdade, Starobinski revelou que foi escutando um ou dois versos saturninos<sup>3</sup> que Ferdinand de Saussure ouviu

<sup>3</sup> O verso saturnino é a mais antiga forma métrica da poesia latina. Encontrada em peças dos séculos III e II antes de Cristo, é conhecida na modernidade apenas por um corpus restrito: em torno de 130 versos preservados ou por citações de autores mais tardios, ou por inscrições arcaicas (cf. TESTENOIRE, 2015, p. 279).

levantarem-se, pouco a pouco, os fonemas principais de um nome próprio, separados uns dos outros por elementos fonéticos indiferentes (cf. STAROBINSKI, 1974, p. 22). Esse detalhe da escuta pouca coisa não é, e para justificar essa importância reproduzo três recortes da análise do manequir | AdventumqvE | feita por Saussure.

O **ouvido** está tanto mais disposto a unir *a-f* (dea-fugiunt) que a repetição do *te* faz disto um par simétrico que se destaca completamente isolado do resto, deixando aparecer, por contraste, somente *dea-fugiunt*.

Do mesmo modo que é preciso retomá-la duas vezes e repetir a si mesmo a palavra *Afrodite* antes de saber exatamente se *ride(n)t* tem sílabas coincidentes ou somente semelhantes às de *Afrodite*, assim quando *flores* está rodeado por todas as partes de palavras como *rident + (m)ittit + tibi + ponti*, pode-se dizer que o passe de mágica fazendo de *flores : froles* está bem mascarado para o ouvido.

É importante notar que duas das sílabas deste verso imitativo têm por objeto especial corrigir *flores* quanto à quantidade, deixando o ouvido sobre o *-or-oti* do fim (*aeqvora ponti*) (SAUSSURE apud STAROBINSKI, 1974, p. 58).

Sublinho, com espanto, que os textos percorridos pelo linguista datam de desde a antiguidade clássica até poemas do século XX. Tendo posto em ênfase o caráter fônico dos versos saturninos e da poesia de Homero, Saussure conduziu suas pesquisas de maneira a investigar as regras do processo de composição que ele supunha anagramático, assim como verificar se tal processo seria intencional ou efeito do acaso. No que se refere aos registros do linguista genebrino, Starobinski indicou detalhadamente como se distribuíram os cadernos manuscritos sobre as investigações nos poemas (STAROBINSKI, 1974, p. 8). Abaixo, reproduzo a distribuição com o propósito de registrar o percurso trilhado por Saussure em tão diversos poetas e períodos:

- Versos saturninos (17 cadernos e um maço de papéis);
- Anagramas: Homero (24 cadernos);
- Anagramas: Virgílio (19 cadernos), Lucrécio (3 cadernos), Sêneca e Horácio (1 caderno), Ovídio (3 cadernos);
- Anagramas: autores latinos (12 cadernos);
- Anagramas: Carmina epigraphica (12 cadernos);
- Hipogramas: Ângelo Policiano (11 cadernos);
- Hipogramas: Traduções de Thomas Johnson (13 cadernos);
- Hipogramas: Rosati, Pascoli (quadros escritos em grandes folhas).

Não foi pouco o esforço de Saussure em examinar os desdobramentos do modo como a configuração das palavras interferiam no discurso das obras. No volume reunido por Jean Starobinski, encontramos apenas uma pequena parte das leituras anagramáticas de Saussure: um vaticínio saturnino, duas passagens de Lucrécio, um texto de Sêneca e um poema neolatino de Policiano. Cabe aqui indicar que grande parte das reflexões teóricas divulgadas por

Starobinski se referem às pesquisas de Saussure sobre as lendas dos Nibelungos<sup>4</sup>. Outra vez me deparo com um linguista que esteve atento e que foi conduzido por estudos plurais. Abro aspas para as palavras de Starobinski, quem nos apontou um elo possível entre as pesquisas:

A relação que Saussure presume existir entre os acontecimentos históricos e sua transposição lendária prefigura aquilo que ele suporá existir entre o hipograma (ou palavra-tema) e o texto poético desenvolvido. Em ambos os casos a pesquisa se orienta não para uma faculdade psíquica geradora (imaginação), mas para um fato (verbal, histórico) antecedente. (STAROBINSKI, 1974, p.14)

Neste ponto, coloco em destaque os principais interrogantes que mobilizaram Saussure em sua pesquisa sobre os anagramas. Foi a partir dos textos poéticos que o linguista se esforçou em indicar o modo como a configuração das palavras ou nomes próprios intervém no discurso da obra, fazendo surgir a questão: que leis regem tais operações? Na medida em que Saussure avançou na ilustração das regras e minúcias técnicas, o vemos às voltas da seguinte pergunta: os mecanismos são puramente fortuitos? Ou desejados e aplicados de maneira consciente?

Não vou me dedicar aqui aos pormenores dos conceitos e das leis que Saussure supunha governar as sílabas de cada verso, tampouco vou desenvolver nessa ocasião as reflexões que tocam o inconsciente do ato criativo, porque me interessa especialmente destacar o que talvez seja uma das grandes contribuições da pesquisa dos anagramas: considerar o caráter subversivo do sistema da língua, aquilo que o extrapola, aquilo que talvez evidencie o seu funcionamento. E mais, se há algo que atravessa ambas as perguntas e ainda outras questões as quais Saussure dedicou-se, é de fato o interesse voltado à análise fônica das palavras, ao procedimento de distribuição fonética elaborada. Um interesse voltado, sobretudo, ao aspecto fônico da língua, que suspeito ser o que também orienta a poesia.

## 2 Entre linguística e poesia: uma análise do preâmbulo de *De rerum natura*

É nesse sentido que a segunda parte desse texto demonstra o que entendo como potência de colocar as matérias da linguística e da poesia em relação. Longe de pretender que os conceitos linguísticos interpretem as investigações no terreno da poesia, a aproximação que eu sugiro é mais no sentido de considerar algumas noções de linguística geral como elementos que, em alguma medida, operam no fazer da criação poética. Mesmo porque foi enquanto ministrava suas aulas de linguística que Saussure investiu na pesquisa dos anagramas e se deparou com algo da poesia que interrogava os princípios do sistema da língua.

É, então, nessa direção que coloco a análise de Saussure sobre alguns versos do poema “*De rerum natura*” escrito por Lucrécio, em diálogo com cinco conceitos desenvolvidos por ele em sua teoria linguística: o caráter linear do significante; as relações sintagmáticas e relações associativas; o arbitrário do signo; e o valor linguístico. Bem, o que acontece nesse exemplo do poema escrito por Lucrécio é que os primeiros versos faziam uma invocação a Vênus, deusa do amor na mitologia romana; mas, em suas análises, Saussure encontrou a presença obsessiva do

<sup>4</sup> Pesquisa em que Saussure se esforçou para encontrar a prova de que os personagens e acontecimentos lendários tinham fundamentos nos personagens e acontecimentos históricos (principalmente nas dinastias dos francos e dos borguinhões) (cf. STAROBINSKI, 1974, p. 9).



nome de Afrodite e, dessa forma, a invocação a Vênus se (re)construiu sob o nome grego da deusa. (STAROBINSKI, 1974)

Figura 1. Reprodução da análise de Saussure sobre os versos 10-13 do poema “De Rerum Natura” de Lucrécio

I, i seq. Afrodītē — Ap(h)rodītē

A invocação a Vênus que abre o *De rerum natura* se inspira, para o anagrama e as assonâncias, no nome grego da deusa, — assim como o faz Virgílio nos trechos relativos a Vênus.

Os treze primeiros versos dividem-se, pela pontuação, em três frases:

frase 1-5.  
frase 6-9.  
frase 10-13.

A cada uma destas frases corresponde um anagrama de Afrodītē. Começo pelo 3.º anagrama (10-13):

MANEQUIM    Aériae primum vōlucrēs tĒ 7

Detalhe das sílabas:

Ā- : marcada como inicial pelo manequim.

ĀF- : *aurĀFavōnī*, bastante acentuado seja pelo primeiro *a* de *aura* que lembra a posição inicial da vogal, seja pelo grupo *-ōnī*, evocando *-ōdī*.

[-FR-] : Diante da possibilidade de que o  $\phi$  grego desta época fosse a africada *pf* — o que resolveria muitos casos de concorrência entre *p* e *f* nos anagramas latinos que têm por modelo uma palavra contendo  $\phi$  — é prudente não negligenciar inteiramente o *pr* que se nota no manequim (*primum*), acompanhado por um  $\bar{i}$  (*Aphrodī*).

-RŌD- : é produzido por *-ōrd* : *perculsae cŌRDa tuā vī* (13). A licença é menos forte se o *pr* de *primum* conta para o grupo *phr* (*pfr*), porque nesse caso a posição do *r* terá recebido uma determinação.

-DĪ- : *tĒ DĪ*-va *tuumqvĕ* (12). Tão bem colocado quanto possível: notadamente *Tuumqvĕ* marca o que vem depois de *-dī* -. Não obrigatoriamente, *DĪ-ē-ī* (10): todo o fim do verso *patefactast vĕrna di ēī*

A- F-                    R- DĪ-Ē-

parece imitar vagamente a palavra-tema.

-IT- : 1.º *significante in -IT-* *um* (13). O *f* + *a* misturado ao quintuplo *i* que expira em *-it* nesse grupo de palavras produzem um efeito eficaz para lembrar *af-it*.

2.º *viget gen-IT-abilis* (11). Vogais I-E-E-I sublinham o *it*.

-TĒ : termina o manequim.

Fonte: (STAROBINSKI, 1974, p. 57, grifo meu)

Certo mesmo talvez seja dizer que isso que chamei “entre linguística e poesia: uma análise do preâmbulo de ‘*De rerum natura*’” não é mais do que uma tentativa de entender a relação entre a linguística, enquanto disciplina que tem como objeto a língua; e a poesia, estado de criação que joga com esses elementos do sistema linguístico. Se os eixos das relações sintagmáticas e das relações associativas presidem o funcionamento desse sistema da língua, é preciso ter em conta os princípios da natureza do signo propostos por Saussure: o arbitrário e o caráter linear.

Começo pelo segundo princípio do signo linguístico, o caráter linear do significante. Antes, é preciso notar a dificuldade da intervenção do tempo na teoria saussuriana. Isso porque, nas diferentes pesquisas desenvolvidas pelo linguista, a questão do tempo ocupou um lugar bastante importante. Na reflexão linguística, Saussure tratou do tempo da fala (manifesto no

caráter linear do significante) e do tempo da diacronia; na reflexão da semiologia lendária, o linguista analisou a evolução histórica do texto lendário e o tempo da recitação das lendas; e na pesquisa sobre os anagramas, deparou-se com o tempo da (não) consecutividade (ARRIVÉ, 2010, p. 134). Para a discussão que pretendo desdobrar a partir da análise saussuriana dos versos de Lucrécio, sublinho o tempo da linearidade e da (não) consecutividade.

Assumo mesmo como ponto de partida a seguinte definição conforme consta no *Curso de linguística Geral*: “o significante, sendo de natureza auditiva, desenvolve-se no tempo, unicamente, e tem as características que toma do tempo: a) representa uma extensão, e b) essa extensão é mensurável numa só dimensão: é uma linha” (SAUSSURE, 1971, p. 84). Na pesquisa de Saussure sobre textos de poetas gregos e latinos, somos lançados a uma nova rede de contingências de ordem da língua, transgredindo suas leis sistêmicas e subvertendo as noções da linearidade, visto que “essa leitura se desenvolve segundo um outro tempo (e num outro tempo)” (STAROBINSKI, 1974, p. 34). No domínio infinitamente especial como o do anagrama, o desvio ocorre precisamente na direção contrária à ilusão de acreditar na disposição ordenada das unidades linguísticas; a linearidade se desenvolve em uma outra lógica, a de captar pontualmente o que passa entre as linhas.

Isso talvez queira dizer que, tendo escutado a insistência de alguns fonemas que compõem o nome de Afrodite, o que Saussure fez foi destacar as letras dos versos submetidos à linearidade para reordená-las em uma outra linha. Um exercício que por si só já subverte a ordem do discurso horizontal e revela unidades que escapam verticalmente entre as linhas. Esse tensionamento na dimensão da linearidade, que possibilitou o aparecimento de discursos coexistentes, Saussure parece ter tentado contornar com o conceito da consecutividade.

Da maneira como interpreto as noções do caráter linear e consecutivo do signo linguístico, a consecutividade está a serviço de representar um ponto seguido de outro, em uma disposição subsequente, mas não necessariamente linear; de outro modo, a linearidade executa uma sequência contínua, revelada em uma única linha. Ou seja, quando no domínio da consecutividade, os fonemas podem alcançar diferentes modelos de organização, suspendendo a linha horizontal para se projetarem em arcos de ascensão e declínio nas mais diversas camadas do texto, apesar desses mesmos fonemas estarem aptos a promover uma composição integral, numa linha constante.

Quanto ao primeiro princípio do signo, aquele do arbitrário, é possível perceber que, em alguma medida, a poesia brinca diretamente com as novas e inusitadas possibilidades de valor que as relações permitem. Mesmo na análise de Saussure, é a partir do absolutamente arbitrário da palavra-tema, enquanto um primeiro sintagma que não carrega qualquer relação de motivação, que outras séries fonêmicas surgem no verso, diretamente ligadas à materialidade do nome próprio. Uma relação radicalmente arbitrária no plano do primeiro sintagma e relativamente motivada pela escolha das unidades que compõem o verso. Um desvio da radicalidade arbitrária. E mais, nas análises anagramáticas de Saussure, o valor linguístico é conceito que promove esse laço entre os fonemas que vão compor determinado nome; isso porque as sílabas destacadas dos versos só adquirem valor quando postas em relação. Por exemplo, o A- inicial ou o -TE final de “Afrodite” não vale muito fora de um complemento. É só em relação que as unidades podem ser reconhecidas pelo registro das diferenças e pelo valor que carregam.

É no eixo do sintagma que os termos estabelecem entre si um encadeamento linear, onde as unidades linguísticas podem ser dissociadas em subunidades, em partes independentes e suscetíveis de serem (re)combinadas de acordo com o valor que carregam no jogo das relações.

O eixo do sintagma evoca naturalmente o eixo das relações associativas, que não tem por base a extensão e, portanto, não se apresenta em uma ordem determinada. Nesse ponto, é importante lembrar que esses dois tipos de relações linguísticas são antigos na reflexão de Saussure. Desde o projeto da obra “Da dupla essência da linguagem”, que data de 1891, o linguista genebrino indicou a diferença entre o “sintagma, fala efetiva” e a “paralelia ou fala potencial”:

Nós denominamos sintagma a fala efetiva,

-ou a combinação de elementos contidos numa seção da fala real,

-ou o regime em que os elementos se encontram ligados entre si por sua sequência e precedência.

Por oposição à *parallélie* ou fala potencial, ou coletividade de elementos concebidos e associados pelo espírito, ou regime no qual um elemento leva uma existência em meio a outros elementos possíveis. (SAUSSURE, 2004, p. 58)

Essa designação do sintagma enquanto “fala efetiva” talvez tenha sido o embrião do princípio da linearidade do significante. O fato de que é impraticável pronunciar duas unidades linguísticas ao mesmo tempo serve para demonstrar que, no tempo da “fala real”, cada elemento é combinado com o que se encontra (ou não) a seu lado por atitudes articulatórias individuais, porém ligadas entre si. No tempo da “fala potencial”, as unidades pairam ainda enquanto possibilidades a serem associadas pelo espírito do sujeito falante, possibilidades de um discurso que corre em paralelo. Portanto, perceber a presença de “Afrodite” é uma possibilidade, pode acontecer. E talvez seja na fronteira entre esses dois eixos, sintagmático e associativo, que a mensagem poética (que é fato de fala) se constrói. Que o sentido suceda do transbordamento de um dos eixos sobre o outro, das possibilidades de escolha sobre as possibilidades de arranjo.

Foi Starobinski quem ponderou:

É preciso pois considerar o sentido como um produto – como o produto variável do emprego combinatório – e não como um dado prévio *ne varietur*. Em poesia, é evidente que as leis da utilização não interessarão somente às unidades verbais (“conceitos revestidos de uma forma linguística”) e os símbolos; os fonemas são eles próprios utilizados segundo regras particulares. E essas regras podem variar segundo os gêneros, as épocas, as tradições. (STAROBINSKI, 1974, p. 16)

Que regras seriam essas? E de que forma tais regras atuam no funcionamento linguístico? O que faz com que os elementos do mecanismo da língua pareçam remexidos e abalados? Outra vez me parece que essas foram algumas das perguntas que rondaram as surpreendentes descobertas de Saussure. Me parece também que as possibilidades de respostas dizem respeito a algo que acontece entre os eixos que colocam em funcionamento o mecanismo da língua, algo que escapa, algo entre o enfoque da mensagem por ela própria, algo sobre a linguagem voltada sobre si mesma.

### 3 Questões de linguagem

É tempo então de falar brevemente sobre aquilo que sinalizei como entremeio das disciplinas: as questões de linguagem. E da maneira como compreendo as descobertas de Saussure, quem melhor deu seguimento e desdobrou suas reflexões foi Roman Jakobson, o poeta da linguística. Vale lembrar que Jakobson foi responsável por desenvolver o famoso esquema das seis funções básicas da comunicação verbal, tendo sustentado a ideia de que é preciso conhecer a língua em todas as suas funções, além de considerar a função poética como universal e que coexiste sempre. Ou seja, “a função poética não é a única função da arte verbal, mas tão somente a função dominante” (JAKOBSON, 2010, p. 128), o que implica que seja estudada sem que se distancie dos problemas gerais da linguagem.

Outro importante argumento que justifica a aproximação entre Saussure e Jakobson é o fato de que o linguista russo teve conhecimento da pesquisa de Saussure sobre os anagramas em um momento crucial de sua atividade nos estudos da poética; a hipótese saussuriana dos anagramas teria reencontrado o antigo interesse de Jakobson pelas figuras fônicas. Na perspectiva de Jakobson, Saussure fez notar que “o que importa para os fonemas não é de maneira nenhuma a individualidade fônica de cada um deles vista em si própria e existindo por si. O que importa é a sua oposição recíproca no seio de um sistema fonológico” (JAKOBSON, 1977, p. 65). Foi talvez com esse ponto de vista que as reflexões do Círculo Linguístico de Praga estiveram fortemente influenciadas pela teoria saussuriana. A partir da importante formulação de Saussure, quando disse que “os fonemas são, antes de tudo, entidades opositivas, relativas e negativas” (SAUSSURE, 1971, p. 138), Jakobson sugeriu que foi no aspecto significativo da fonologia, “o som concebido como significante, que os alunos de Saussure tiveram razão em insistir” (JAKOBSON, 1977, p. 48). Teria sido essa a transformação na evolução da disciplina? A de reconhecer que um fonema desempenha por si só um papel no sistema de um estado de língua? De primeiro considerar a relação entre o som e o sentido? Talvez. Talvez definir o fonema pela sua função no sistema linguístico tenha sido um passo na transformação de uma disciplina que até então era orientada por uma abordagem puramente articulatória (ou material) dos sons da linguagem.

Se a língua é um sistema ao qual estamos sujeitos enquanto sujeitos falantes, pensar uma fonologia aplicada à poética ou uma poética aplicada à fonologia – pensar sobretudo uma função poética da linguagem – demonstra, talvez, que há maneiras específicas de mobilizar os elementos que compõem esse sistema. O complexo multiforme e heteróclito que é a linguagem encontra no sistema linguístico uma forma de se manifestar e de demonstrar que algo o extrapola. Tem algo da ordem da linguagem que a língua não dá conta, mas, de alguma forma, ampara.

Jakobson foi além e sugeriu que a função poética projeta o princípio de equivalência do eixo de seleção sobre o eixo de combinação. Isso é, aquilo que se aproxima no eixo das relações associativas é posto em evidência na combinação sintagmática. Foi assim que Jakobson então definiu a função poética da linguagem. Mas, se muito não for, eu coloco essa definição em diálogo com as formulações de Saussure a respeito do “Mecanismo da língua”, capítulo que na edição do CLG condensa as formulações do linguista sobre os agrupamentos sintagmáticos e associativos. Saussure disse o seguinte: “na língua, tudo se reduz a diferenças, mas tudo se reduz também a agrupamentos. Esse mecanismo, que consiste num jogo de termos sucessivos, se assemelha ao funcionamento de uma máquina cujas peças tenham todas uma ação recíproca”. (SAUSSURE, 1971, p. 149)

Decerto Ferdinand de Saussure tenha sido antes de tudo um linguista que esteve deveras atento à função poética da linguagem. Até porque o estudo dos anagramas não representa nada mais do que uma análise profundamente sonora sobre a forma com que o aspecto fônico da língua se faz sentir, escutar; sobre o modo como os significantes desdobram e revelam significados. E isso está longe de ser pouca coisa.

Portanto, ver a linguística saussuriana por um ponto de vista que reduza a distância que se mantém entre as noções que amparam a criação poética e os conceitos propostos por Saussure, não me parece em nada incoerente. Não só porque o linguista genebrino consta como forte influência nas pesquisas de autores cujas obras, por vezes, compõem as referências bibliográficas em estudos de teorias literárias – mas, principalmente, por ter se ocupado em sugerir um método no funcionamento dos elementos da criação poética e, além disso, reconhecer alguns limites teóricos. Entre o rigor dos procedimentos poéticos e aquilo que a poesia carrega da ordem do subjetivo, a pesquisa sobre os anagramas me parece que bem ampara uma relação entre o que o linguista conhece como princípios da língua e a maneira como a função poética da linguagem talvez desautomatize as engrenagens desse sistema.

## Referências

- ARRIVÉ, M. *L'annagramme au sens saussurien*. Actes du séminaire de Cesenatico. Bolonha: Università degli Studi. 2007.
- ARRIVÉ, M. *Em busca de Ferdinand de Saussure*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- BARTHES, R. *Aula: aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Colégio de França, pronunciada dia 7 de janeiro de 1977*. São Paulo: Cultrix, 1980.
- FIORIN, J. L. Linguagem e interdisciplinaridade. In: *ALEA*. v. 10, nº 1, pp. 29-53, Janeiro - Junho, UFRJ: Rio de Janeiro, 2008.
- HELLER-ROAZEN, D. Anaphones. In: *Dark Tongues: The Art of Rogues and Riddlers*. Nova York: Zone Books, 2013.
- JAKOBSON, R. *Seis lições sobre o som e o sentido*. Lisboa: Moraes Editores, 1977.
- JAKOBSON, R. *Linguística e Comunicação*. São Paulo: Cultrix, 2010.
- SAUSSURE, F. de. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 1971.
- SAUSSURE, F. de. *Escritos de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 2004.
- SCHNEIDER, V. J. *Notes sur l'accentuation lituanienne: uma ciência em construção*. Tese de Doutorado. Porto Alegre: Instituto de Letras, UFRGS. 2016.
- STAROBINSKI, J. *As palavras sob as palavras*. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- TESTENOIRE, P.Y. *Anagrammes homériques*. Éditions Lambert-Lucas, 2013.
- TESTENOIRE, P.Y. Saussure e a poética comparada. Recife: *Eutomia*. v. 16, nº 1, pp. 275-303, Dezembro, 2015.

Recebido em: 11/04/22

Aceito em: 22/08/22